

Adam Smith in Beijing. Lineages of the Twenty-first Century

Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI

Giovanni Arrighi

London – New York, Verso, 2007, 420 p¹

JAVIER AMADEO²

Em um ensaio intitulado “Marx em Detroit” (1968), o filósofo italiano Mario Tronti considerava equivocada a idéia de que a formação dos partidos de esquerda de inspiração marxista tivesse feito da Europa o epicentro da luta de classes. O verdadeiro epicentro haviam sido os Estados Unidos, onde os trabalhadores foram mais exitosos em forçar o capital a se reestruturar para se acomodar às demandas salariais. Na Europa Marx vivia ideologicamente, porém era nos Estados Unidos que as relações de capital-trabalho eram “objetivamente marxistas”.

Assim como Tronti tinha detectado discrepâncias fundamentais entre o compromisso ideológico europeu com o marxismo e a relevância da história da classe operária dos Estados Unidos para uma interpretação adequada de *O capital*, Giovanni Arrighi busca analisar uma discrepância igualmente fundamental entre o compromisso ideológico ocidental com o livre mercado e o desenvolvimento da China para uma interpretação adequada de *A riqueza das nações*. Parafraseando Tronti, Arrighi procura encontrar Smith em Pequim.

1 Ed. brasileira: Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2002, 430p.

2 Licenciado em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires e Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

Para o autor, a principal razão da falha da predição do *Manifesto* de um desenvolvimento capitalista generalizado é que só em alguns países existiriam as condições necessárias para tal desenvolvimento – que as classes que organizavam a produção tenham perdido sua capacidade de estabelecer sua posição de classes fora da economia de mercado; e a segunda, que os produtores diretos tenham perdido o controle dos meios de produção. No modelo de Smith, por sua vez, a riqueza das nações é função da sua especialização nas tarefas produtivas, resultado da divisão do trabalho entre unidades produtivas, determinado pela extensão do mercado. Nesse sentido, o modelo de Smith é matriz para uma variedade de modelos de desenvolvimento econômico.

O modelo de Smith teria a vantagem de permitir estabelecer uma distinção entre o desenvolvimento de uma economia de mercado e o desenvolvimento capitalista. Assim, apesar da expansão dos mecanismos de mercado na busca de lucro, a natureza do desenvolvimento na China não seria necessariamente capitalista; o resultado estaria indeterminado.

O ressurgimento econômico da China levou a um novo patamar a discussão entre o processo de formação de uma economia de mercado e o processo de desenvolvimento capitalista. Integral a essa discussão foi a descoberta de que o mercado estava mais desenvolvido no Leste da Ásia do que na Europa, durante o século XVIII. A partir desse momento ter-se-ia produzido uma “grande divergência” nos padrões de desenvolvimento das duas regiões; um elemento central desse processo foram as diferenças na relação terra-homens, como causa e efeito de uma “revolução industrial” no Leste da Ásia. Desde o século XVI até o XVIII o desenvolvimento de instituições absorvedoras de trabalho e tecnologias trabalho-intensivas teria permitido ao Leste Asiático experimentar um importante aumento da população com um melhoramento nas condições de vida.

O conceito de “revolução industrial” refere-se à emergência de um modo de produção baseado no investimento em trabalho. A revolução industrial seria um desenvolvimento baseado no mercado, mas sem uma tendência inerente ao desenvolvimento intensivo em capital e energia. Os resultados da revolução industrial estabeleceram um padrão institucional e tecnológico particular que teve papel crucial nas respostas do Leste Asiático aos desafios criados pela revolução industrial ocidental. Particularmente significativo nesse sentido foi o desenvolvimento de uma estrutura institucional centrada no círculo familiar e na comunidade. A partir do argumento anterior, a análise leva a entender o ressurgimento econômico do Leste Asiático não como resultado da convergência para o padrão ocidental, mas como resultado da fusão entre esse padrão e o padrão asiático.

Se por um lado as condições do desenvolvimento econômico neste começo de século estão intimamente vinculadas ao surgimento dos países do Leste Asiático como atores de primeira ordem; por outro, é impossível entender essas circunstâncias sem analisar o curso da turbulência global que precedeu e colocou as condições para a emergência do *Projeto para um novo século americano*.

Para Arrighi, as origens da turbulência estariam num contexto global configurado pela revolta contra o ocidente, particularmente a Guerra do Vietnã. O resultado foi a primeira grande crise da hegemonia americana no fim dos anos 1960. O aumento dos gastos públicos para sustentar o esforço militar no Vietnã e controlar a oposição à guerra acentuou as pressões inflacionárias nos Estados Unidos, aprofundou sua crise fiscal, e levou ao colapso do sistema de taxas de câmbio fixas.

Os Estados Unidos responderam à crise de hegemonia nos anos 1980 competindo agressivamente por capital nos mercados financeiros globais e com uma escalada na carreira armamentista. A contra-revolução neoliberal dos anos 1980 procurou resolver os problemas de rentabilidade da economia americana e dar uma resposta à crise de hegemonia. A essência da revolução foi uma mudança na ação do Estado do lado da oferta para o da demanda no processo de expansão financeira. Por meio dessa mudança, o governo americano deixou de competir com a oferta privada de liquidez e criou as condições de demanda para um futuro processo de acumulação financeira. Para Arrighi, apesar de a resposta ter sido exitosa em reviver a fortuna dos Estados Unidos, também teve conseqüências não desejadas no agravamento da turbulência da economia mundial, e fez a riqueza e o poder dos Estados Unidos ainda mais dependentes da poupança, capital e crédito estrangeiros.

Assim, a adoção do *Projeto para um novo século* seria uma resposta da administração Bush às conseqüências indesejáveis das políticas das décadas anteriores. Porém, a aventura iraquiana confirmaria o veredicto da Guerra do Vietnã, de que a superioridade ocidental tinha alcançado o limite. Mais ainda, se a derrota no Vietnã induziu os Estados Unidos a trazer a China de volta ao mundo político, o resultado da *débâcle* no Iraque pode ser a emergência da China como a triunfadora da guerra contra o terror.

A crise da hegemonia americana nos leva novamente à análise da dinâmica da ascensão chinesa. A partir do exame das dificuldades que os Estados Unidos enfrentam para conter a expansão econômica chinesa dentro da sua dominação, Arrighi enfatiza por que as tentativas de ver o comportamento futuro da China *vis-à-vis* os Estados Unidos a partir da passada experiência ocidental são inapropriadas. Uma das razões é que a expansão global do sistema ocidental transformou seu modo de operação, fazendo que muito dessa experiência seja irrelevante para entender o presente. Mais importante: se de um lado a relevância do legado do sistema ocidental decresceu, a relevância do sistema anterior centrado na China aumentou consideravelmente. Portanto, a nova era asiática será portadora de uma hibridização fundamental dos dois legados.

O sistema de relações interestatais do Leste da Ásia foi, segundo o autor, caracterizado por uma dinâmica de longo prazo, contrastante com a dos países ocidentais. A dinâmica diferenciada resultou numa primazia chinesa no processo de formação de um mercado e de um Estado nacionais durante o século XVIII,

criando, porém, ao mesmo tempo, as condições para uma subsequente incorporação subordinada do sistema asiático às estruturas do sistema europeu. Essa incorporação não destruiu o sistema regional internacional preexistente, e o resultado foi uma formação político-social híbrida, que proveu o ambiente favorável para o renascimento econômico asiático e a transformação conseqüente do mundo além do alcance das teorias baseadas na experiência ocidental. A crise de hegemonia do regime militarista americano e a expansão do mercado e da rede de negócios asiáticos marcaram a re-emergência do padrão de relações interestatais que eram mais próximas do padrão do Leste Asiático – caracterizado pelo tamanho e sofisticação do sistema de economias nacionais – do que do padrão transplantado do ocidente – caracterizado pela fortaleza dos complexos militares-industriais.

Para Arrighi, a bifurcação entre poder militar – centrado nos Estados Unidos – e poder econômico – cada vez mais centrado nos países do Leste Asiático – pode desembocar em três diferentes direções. Um primeiro cenário se constituiria se os Estados Unidos e seus aliados usassem seu poder militar para extrair uma “taxa de proteção” dos centros emergentes do Leste da Ásia. Se essa tentativa funcionar, o primeiro império global na história poderia se transformar em realidade. No entanto, o fracasso no Iraque reduziu muito as chances de que um império global possa se materializar. Em um segundo cenário essa bifurcação resultaria em um caos mundial sem fim e na possibilidade de uma escalada na violência. Tal possibilidade também parece ter aumentado depois da aventura no Iraque. Uma terceira opção estaria dada pela convergência entre o fracasso no Iraque e o sucesso do desenvolvimento econômico chinês, que, tomados em conjunto, levariam à realização da visão de Adam Smith de uma sociedade mundial de mercado baseada numa igualdade maior entre as nações civilizadas do mundo. É o cenário mais parecido com o das previsões de *A riqueza das nações*.

Na visão de Arrighi, a emergência de uma sociedade de mercado mundial sugeriria o fim do capitalismo, já que os nexos entre Estado e finanças (rivalidade interimperialista) pareceriam desaparecer, chegando a um processo de equalização da riqueza entre os povos da Terra. Uma visão como essa parece idealizar as possíveis conseqüências econômicas e políticas da emergência de um novo centro mundial de acumulação de capital, e ver no padrão de desenvolvimento asiático um grau de harmonia que talvez não esteja de acordo com as contradições sociais e econômicas internas. No entanto, apesar das possíveis limitações decorrentes de analisar fenômenos tão próximos, o trabalho de Arrighi é uma análise original, brilhante e poderosamente provocativa das tendências e desafios econômicos e políticos do milênio que começa.

AMADEO, Javier. Resenha de: ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith in Beijing. Lineages of the Twenty-first Century. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI. London – New York, Verso, 2007, 420 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.27, 2008, p.175-178.

Palavras-chave: Adam Smith; China; Economia; Século XXI.